

Também quando não-remunerado, o serviço doméstico, fundamental para a reprodução cotidiana da força de trabalho e da própria espécie humana, ainda é predominantemente realizado por mulheres, mesmo as que mantêm outra ocupação ou emprego formal no mercado. Sob a rubrica de “afazeres domésticos” nos questionários do IBGE, o trabalho doméstico não-remunerado inclui uma ampla e diversificada gama de tarefas rotineiras, manuais e não-manuais, que se caracterizam pela simultaneidade, multiplicidade e fragmentação, além de consumirem um elevado número de horas das pessoas que as executam (cf. BRUSCHINI, 2006). Bruschini (2006) defende, inclusive, que os “afazeres domésticos” sejam incluídos na categoria “trabalho não-remunerado” e não mais sejam considerados inatividade econômica, como até o momento.

Certamente, a maior responsabilidade para com o serviço doméstico ainda é um dos fatores responsáveis pela menor participação das mulheres no mercado e uma dificuldade a mais para o seu desenvolvimento profissional (cf. OIT, 2005, p. 29). Segundo Bruschini (2006), no Brasil, 89,9% das mulheres de dez anos ou mais de idade responderam SIM à pergunta, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD de 2002, “na semana anterior à pesquisa, cuidava dos afazeres domésticos?” contra apenas 44,7% dos homens. Além disso, as mulheres dedicavam aos afazeres domésticos uma média

semanal de horas (27,2) muito superior à dos homens (10,6). Esse padrão tende a se reproduzir nas novas gerações, pois apenas 37,6% dos filhos realizavam afazeres domésticos, contra 79,4% das filhas; além disso, elas dedicavam a tais tarefas uma carga horária semanal (16,6) muito maior do que eles (9,4).

Em resumo, embora as mulheres venham ampliando sua participação no mercado de trabalho da cidade de São Paulo, elas ainda têm sido mais atingidas pelo desemprego que os homens. Uma vez empregadas, em sua maioria no setor de serviços, elas recebem as menores remunerações e, pode-se supor, continuam assumindo com maior intensidade os afazeres domésticos. Embora se reconheça que mudanças sociais e culturais profundas não se estabelecem em curtos períodos de tempo<sup>4</sup>, os dados indicam que ainda são necessários esforços para a superação da divisão sexual do trabalho, inclusive na esfera doméstica, e para a eliminação da desigualdade entre homens e mulheres na inserção e permanência no mercado.

---

<sup>4</sup> Em recente entrevista à imprensa, a historiadora francesa Michelle Perrot referiu-se à magnitude das mudanças necessárias à superação das desigualdades de gênero, inclusive em relação ao trabalho doméstico: “Apesar de todo o ‘progresso’ feminino, as desigualdades persistem em todos os domínios, especialmente no que concerne à decisão política e econômica. A hierarquia dos sexos [...] não só persiste como não poderá ser abolida rapidamente. É uma transformação de longa duração, um desafio que não se conquista assim, de um momento para o outro, até porque se desdobra em transformações práticas e simbólicas. Como a divisão do trabalho doméstico” (PERROT, 2007, p. J4). Perrot (2007) complementa: “as desigualdades estão aí. O trabalho doméstico, incluindo cuidados com os filhos, ainda sobra para as mães. [...] Mudar práticas e costumes cotidianos é o mais difícil” (p. J5).